



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Machado de Assis
As Forças Caudinas



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

As Forças Caudinas
Machado de Assis

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1863 (?) 1865.

Livro Digital nº 826 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim Maria Machado de Assis

(1839 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AS FORCAS CAUDINAS

COMÉDIA EM DOIS ATOS



PERSONAGENS:

TITO

ERNESTO SEABRA

ALEIXO CUPIDOV (coronel russo)

EMÍLIA SOARES (viúva)

MARGARIDA SEABRA

UM CORREIO

A cena passa-se em Petrópolis — Atualidade.

ATO I

(Um jardim: mesa, cadeiras de ferro. A casa a um lado)

CENA I

Seabra (assentado a um lado da mesa, com um livro aberto); Margarida (do outro lado).

SEABRA

Queres que paremos aqui?

MARGARIDA

Como quiseres.

SEABRA *(fechando o livro)*

É melhor. As coisas boas não se gozam de uma assentada. Guardemos um bocado para a noite. Demais, era já tempo que eu passasse do idílio escrito para o idílio vivo. Deixa-me olhar para ti.

MARGARIDA

Jesus! Parece que começamos a lua-de-mel.

SEABRA

Parece e é. E se o casamento não fosse eternamente isto o que poderia ser? A ligação de duas existências para meditar discretamente na melhor maneira de comer o maxixe e o repolho? Ora, pelo amor de Deus! Eu penso que o casamento deve ser um namoro eterno. Não pensas como eu?

MARGARIDA

Sinto...

SEABRA

Sentes, é quanto basta.

MARGARIDA

Mas que as mulheres sintam é natural; os homens...

SEABRA

Os homens são homens.

MARGARIDA

O que nas mulheres é sensibilidade, nos homens é pieguice: desde pequena me dizem isto.

SEABRA

Enganam-te desde pequena.

MARGARIDA

Antes isso!

SEABRA

É a verdade. E desconfia sempre dos que mais falam, homens ou mulheres. Tens perto um exemplo. A Emília faz um grande cavalo de batalha da sua isenção. Quantas vezes se casou? Até aqui duas, e está nos vinte e cinco anos. Era melhor calar-se mais e casar-se menos.

MARGARIDA

Mas nela é brincadeira.

SEABRA

Pois sim. O que não é brincadeira é que os cinco meses do nosso casamento parecem-me cinco minutos...

MARGARIDA

Cinco meses!

SEABRA

Como foge o tempo!

MARGARIDA

Dirás sempre o mesmo?

SEABRA

Duvidas?

MARGARIDA

Receio. É tão bom ser feliz!

SEABRA

Sê-lo-ás sempre e do mesmo modo. De outro não entendo eu.

TITO (*ao fundo*)

O que é que não entendes?

CENA II

Margarida, Seabra, Tito.

SEABRA

Quem é? (*Levanta-se e vai ao fundo*) Ah! é o Tito! Entra! Entra! (*Abre a cancela*) Ah! (*Abraçam-se*) Como estás? Acho-te mais gordo! Anda cumprimentar minha mulher. Margarida, aqui está o Tito!

TITO

Minha senhora... *(A Seabra)* Dás licença? *(A Margarida)* Quem vem de longe quer abraços. *(Dá-lhe um abraço)* Ah! aproveito a ocasião para dar-lhes os parabéns.

SEABRA

Recebeste a nossa carta de participação?

TITO

Em Valparaíso.

SEABRA

Anda sentar-te e conta-me a tua viagem.

TITO

Isso é longo. O que te posso contar é que desembarquei ontem no Rio. Tratei de indagar a tua morada. Disseram-me que estavas temporariamente em Petrópolis. Descansei, mas logo hoje tomei a barca da Prainha e aqui estou. Eu já suspeitava que com o teu espírito de poeta irias esconder a tua felicidade em algum recanto do mundo. Com efeito, isto é verdadeiramente uma nesga do paraíso. Jardim, caramanchões, unia casa leve e elegante, um livro... *(Abre o livro)* Bravo! Marília de Dirceu... É completo? *Tityre, tu patulae...* Caio no meio de um idílio. *(A Margarida)* Pastorinha, onde está o cajado? *(Margarida ri às gargalhadas)* Ri mesmo como uma pastorinha alegre. E tu, Teócrito, que fazes? Deixas correr os dias como as águas do Paraíba? Feliz criatura!

SEABRA

Sempre o mesmo!

TITO

O mesmo doido? *(A Margarida)* Acha que ele tem razão?

MARGARIDA

Acho, se o não ofendo...

TITO

Qual, ofender! Se eu até me honro com isso. Sou um doido inofensivo, isso é verdade. Mas é que realmente são felizes como poucos. Há quantos meses se casaram?

MARGARIDA

Cinco meses fazem domingo.

SEABRA

Disse há pouco que me pareciam cinco minutos.

TITO

Cinco meses, cinco minutos! Eis toda a verdade da vida. Se os pusessem sobre uma grelha, como São Lourenço, cinco minutos eram cinco meses. E ainda se fala em tempo! Há lá tempo! O tempo está nas nossas impressões. Há meses para os infelizes e minutos para os venturosos!

SEABRA

Mas que ventura!

TITO

Completa, não? Imagino! Marido de um serafim nas graças e no coração... Ah! perdão, não reparei que estava aqui... mas não precisa corar!... Disto me hás de ouvir vinte vezes por dia! o que penso, digo. (*A Seabra*) Como não te hão de invejar os nossos amigos!

SEABRA

Isso não sei.

TITO

Pudera! Encafuado neste desvão do mundo de nada podes saber. E fazes bem. Isto de ser feliz à vista de todos é repartir a felicidade. Ora, para respeitar o princípio devo ir-me já embora...

SEABRA

Deixa-te disso: fica conosco.

MARGARIDA

Os verdadeiros amigos também são a felicidade.

TITO (*curvando-se*)

Oh!...

SEABRA

É até bom que aprendas em nossa escola a ciência do casamento.

TITO

Para quê?

SEABRA

Para te casares.

TITO

Hum!

MARGARIDA

Não pretende?

SEABRA

Estás ainda o mesmo que em outro tempo?

TITO

O mesmíssimo.

MARGARIDA

Tem horror ao casamento?

TITO

Não tenho vocação. É puramente um caso de vocação. Quem a não tiver não se meta nisso que é perder o tempo e o sossego. Desde muito tempo estou convencido disto.

SEABRA

Ainda te não bateu a hora.

TITO

Nem bate.

SEABRA

Mas, se bem me lembro, houve um dia em que fugiste às teorias de costume; andavas então apaixonado...

TITO

Apassionado é engano. Houve um dia em que a providência trouxe uma confirmação aos meus instantes solitários. Meti-me a pretender uma senhora...

SEABRA

É verdade: foi um caso engraçado.

MARGARIDA

Como foi o caso?

SEABRA

O Tito viu em um baile uma rapariga. No dia seguinte apresenta-se em casa dela, e, sem mais nem menos, pede-lhe a mão. Ela respondeu... que te respondeu?

TITO

Respondeu por escrito que eu era um tolo e me deixasse daquilo. Não disse positivamente tolo, mas vinha a dar na mesma. É preciso confessar que semelhante resposta não era própria. Voltei atrás e nunca mais amei.

MARGARIDA

Mas amou naquela ocasião?

TITO

Não sei se era amor, era uma coisa... Mas note, isto foi há uns bons cinco anos. Daí para cá ninguém mais me fez bater o coração.

SEABRA

Pior para ti.

TITO

Eu sei! Se não tenho os gozos intensos do amor, não tenho nem os dissabores nem os desenganos. É já uma grande fortuna!

MARGARIDA

No verdadeiro amor não há nada disso...

TITO

Não há? Deixemos o assunto; eu podia fazer um discurso a propósito, mas prefiro...

SEABRA

Ficar conosco? Está sabido.

TITO

Não tenho essa intenção.

SEABRA

Mas tenho eu. Hás de ficar.

TITO

Mas se eu já mandei o criado tomar alojamento no hotel de Bragança...

SEABRA

Pois manda contraordem. Fica comigo!

TITO

Insisto em não perturbar a tua paz.

SEABRA

Deixa-te disso!

MARGARIDA

Fique!

TITO

Ficarei.

MARGARIDA

E amanhã depois de ter descansado, há de nos dizer qual é o segredo da isenção de que tanto se ufana.

TITO

Não há segredo. O que há é isto. Entre um amor que se oferece e... uma partida de voltarete, não hesito, atiro-me ao voltarete. A propósito, Ernesto, sabes que encontrei no Chile um famoso parceiro de voltarete? Fez a casca mais temerária que tenho visto...
(*A Margarida*) Sabe o que é uma casca?

MARGARIDA

Não.

TITO

Pois eu lhe explico.

SEABRA

Aí chega a Emília.

CENA III

Os mesmos, Emília e o Coronel.

MARGARIDA (*indo ao fundo*)

Viva, Senhora ingrata, há três dias...

EMÍLIA

E a chuva?

CORONEL

Minha Senhora, Sr. Seabra...

SEABRA (*a Emília*)

D. Emília, vem achar-me na maior satisfação. Tornei a ver um amigo que há muito andava em viagem. Tenho a honra de lho apresentar: é o Sr. Tito Freitas.

TITO

Minha Senhora!

(Emília fita-lhe os olhos por algum tempo procurando recordar-se; Tito sustenta o olhar de Emília com a mais imperturbável serenidade)

SEABRA (*apresentando*)

O Sr. Aleixo Cupidov, coronel do exército russo; o Sr. Tito Freitas... Bem... (*Indo à porta da casa*) Tragam cadeiras...

EMÍLIA (*a Margarida*)

Pois ainda hoje não viria se não fosse a obsequiosidade do Sr. Coronel...

MARGARIDA

O Sr. Coronel é uma maravilha.

(Chega um fâmulos com cadeiras, dispõe-nas e sai)

CORONEL

Nem tanto, nem tanto.

EMÍLIA

É, é. Eu só tenho medo de uma coisa; é que suponham que me acho contratada para vivandeira para o exército russo...

CORONEL

Quem suporia?

SEABRA

Sentem-se, nada de cerimônias.

EMÍLIA

Sabem que o Sr. Coronel vai fazer-me um presente?

SEABRA

Ah!...

MARGARIDA

O que é?

CORONEL

É uma insignificância, não vale a pena.

EMÍLIA

Então não acertam? É um urso branco.

SEABRA e MARGARIDA

Um urso!

EMÍLIA

Está para chegar; mas só ontem é que me deu notícia...

TITO (*baixo a Seabra*)

Com ele faz um par.

MARGARIDA

Ora, um urso!

CORONEL

Não vale a pena. Contudo mandei dizer que desejava dos mais belos. Ah! não fazem ideia do que é um urso branco! Imaginem que é todo branco!

TITO

Ah!...

CORONEL

É um animal admirável.

TITO

Eu acho que sim. (*A Seabra*) Ora vê tu, um urso branco que é todo branco! (*Baixo*) Que faz este sujeito?

SEABRA (*baixo*)

Namora a Emília, mas sem ser namorado.

TITO (*idem*)

Diz ela?

SEABRA (*idem*)

E é verdade.

EMÍLIA (*respondendo a Margarida*)

Mas por que não me mandaste dizer? Dá-se esta, Sr. Seabra; então faz-se anos nesta casa e não me mandam dizer?

MARGARIDA

Mas a chuva?

EMÍLIA

Anda lá, maliciosa! Bem sabes que não há chuva em casos tais.

SEABRA

Demais fez-se a festa tão à capucha!

EMÍLIA

Fosse o que fosse, eu sou de casa.

TITO

O coronel está com licença, não?

CORONEL

Estou, sim, senhor.

TITO

Não tem saudades do serviço?

CORONEL

Podia ter, mas há compensações...

TITO

É verdade que os militares, por gosto ou por costume, nas vagas do serviço do exército, alistam-se em outro exército, sem baixa de posto, alferes quando são alferes, coronéis quando são coronéis. Tudo lhes corre mais fácil: é o verdadeiro amor; o amor que cheira a pelouro e morrião. Oh! esse sim!

CORONEL

Oh!...

TITO

É verdade, não?

CORONEL

Faz-se o que se pode...

EMÍLIA (*a Tito*)

É advogado?

TITO

Não sou coisa alguma.

EMÍLIA

Parece advogado.

MARGARIDA

Oh! ainda não sabes o que é o nosso amigo... Nem digo, que tenho medo...

EMÍLIA

É coisa tão feia assim?

TITO

Dizem, mas eu não creio.

EMÍLIA

O que é então?

MARGARIDA

É um homem incapaz de amar... Não pode haver maior indiferença para o amor... Em resumo, prefere a um amor... o quê? Um voltarete.

EMÍLIA

Disse-te isso?

TITO

E repito. Mas note bem, não é por elas, é por mim. Acredito que todas as mulheres sejam credoras da minha adoração; mas eu é que sou feito de modo que nada mais lhes posso conceder do que uma estima desinteressada.

EMÍLIA

Se não é vaidade, é doença.

TITO

Há de me perdoar, mas eu creio que não é doença nem vaidade. É natureza: uns aborrecem as laranjas, outros aborrecem os amores; agora se o aborrecimento vem por causa das cascas, não sei; o que é certo é que é assim.

EMÍLIA (*a Margarida*)

É ferino!

TITO

Ferino, eu? Sou uma seda, uma dama, um milagre de brandura... Dói-me, deveras, que eu não possa estar na linha dos outros homens, e não seja, como todos, propenso a receber as impressões amorosas, mas que quer? A culpa não é minha.

SEABRA

Anda lá, o tempo há de mudar.

TITO

Mas quando? Tenho vinte e nove feitos!

EMÍLIA

Já, vinte e nove?

TITO

Completei-os pela Páscoa.

EMÍLIA

Não parece.

TITO

São os seus bons olhos...

UM CORREIO (*ao fundo*)

Jornais da corte!

(*Seabra vai tomar os jornais. Vai-se o correio*)

SEABRA

Notícias do paquete.

CORONEL

Notícias do paquete? Faz-me favor de um?

(*Seabra dá-lhe um jornal*)

SEABRA

Queres ler, Tito?

TITO

Já li. Mas olha, deixa-me ir tirar estas botas e mandar chamar o meu criado.

SEABRA

Vamos. Dispensam-nos por um instante?

EMÍLIA

Pois não!

SEABRA

Vamos.

TITO

Não tardo nada.

(Entram os dois em casa. O Coronel lê as notícias com grandes gestos de espanto)

EMÍLIA

Coronel, ao lado da casa há um caramanchãozinho, muito próprio para leitura...

CORONEL

Perdão, minha senhora, eu bem sei que faço mal, mas é que realmente o pacote trouxe notícias gravíssimas.

EMÍLIA

No caramanchão! no caramanchão!

CORONEL

Hão de perdoar, com licença... *(A Emília)* Não vai sem mim?

EMÍLIA

Conto com a sua obsequiosidade.

CORONEL

Pois não! (*Sai*)

CENA IV

Margarida, Emília.

MARGARIDA

Quando te deixará este eterno namorado?

EMÍLIA

Eu sei lá! Mas, afinal de contas, não é mau homem. Tem aquela mania de me dizer no fim de todas as semanas que nutre por mim uma ardente paixão.

MARGARIDA

Enfim, se não passa da declaração semanal...

EMÍLIA

Não passa. Tem a vantagem de ser um braceiro infalível para a rua e um realejo menos mau dentro de casa. Já me contou umas cinquenta vezes a batalha em que ganhou o posto de coronel. Todo o seu desejo, diz ele, é ver-se comigo em São Petersburgo. Quando me fala nisto, se é à noite, e é quase sempre à noite, mando vir o chá, excelente meio de aplacar-lhe os ardores amorosos. Gosta do chá que se pela! Gosta tanto como de mim! Mas aquela do urso branco? E se realmente mandou vir um urso?

MARGARIDA

Aceita.

EMÍLIA

Pois eu hei de sustentar um urso? Não me faltava mais nada.

MARGARIDA

Quer-me parecer que acabas por te apaixonar...

EMÍLIA

Por quem? Pelo urso?

MARGARIDA

Não; pelo coronel.

EMÍLIA

Deixa-te disso... Ah! mas o original... o amigo de teu marido? Que me dizes do vaidoso? Não se apaixona!

MARGARIDA

Talvez seja sincero...

EMÍLIA

Não acredito. Pareces criança! Diz aquilo dos dentes para fora...

MARGARIDA

É verdade que não tenho maior conhecimento dele...

EMÍLIA

Quanto a mim, pareceu-me não ser estranha aquela cara... mas não me lembro!

MARGARIDA

Parece ser sincero... mas dizer aquilo é já atrevimento.

EMÍLIA

Está claro...

MARGARIDA

De que te ris?

EMÍLIA

Lembra-me um do mesmo gênero que este... Foi já há tempos. Andava sempre a gabar-se da sua isenção. Dizia que todas as mulheres eram para ele vasos da China: admirava-as e nada mais.

Coitado! Caiu em menos de um mês. Margarida, vi-o beijar-me a ponta dos sapatos... depois do que desprezei-o.

MARGARIDA
Que fizeste?

EMÍLIA
Ah! não sei o que fiz. Fiz o que todas fazemos. Santa Astúcia foi quem operou o milagre. Vinguei o sexo e abati um orgulhoso.

MARGARIDA
Bem feito!

EMÍLIA
Não era menos do que este. Mas falemos de coisas sérias... Recebi as folhas francesas de modas...

MARGARIDA
Que há de novo?

EMÍLIA
Muita coisa. Amanhã tas mandarei. Repara em um novo corte de mangas. É lindíssimo. Já mandei encomendas para a corte. Em artigos de passeio há fartura e do melhor.

MARGARIDA
Para mim quase que é inútil mandar.

EMÍLIA
Por quê?

MARGARIDA
Quase nunca saio de casa.

EMÍLIA

Nem ao menos irás jantar comigo no dia de ano bom?

MARGARIDA

Oh! com toda a certeza!

EMÍLIA

Pois vai... Ah! irá o homem? O Sr. Tito?

MARGARIDA

Se estiver cá... e quiseres...

EMÍLIA

Pois que vá, não faz mal... Saberei contê-lo... Creio que não será sempre tão... incivil. Nem sei como podes ficar com esse sangue-frio! A mim faz-me mal aos nervos!

MARGARIDA

É-me indiferente.

EMÍLIA

Mas a injúria ao sexo... não te indigna?

MARGARIDA

Pouco.

EMÍLIA

És feliz.

MARGARIDA

Que queres que eu faça a um homem que diz aquilo? Se não fosse já casada era possível que me indignasse mais. Se fosse livre era possível que lhe fizesse o que fizeste ao outro. Mas eu não posso cuidar dessas coisas...

EMÍLIA

Nem ouvindo a preferência do voltarete? Pôr-nos abaixo da dama de copas! E o ar com que diz aquilo! Que calma! Que indiferença!

MARGARIDA

É mau! É mau!

EMÍLIA

Merecia castigo...

MARGARIDA

Merecia. Queres tu castigá-lo?

EMÍLIA

Não vale a pena.

MARGARIDA

Mas tu castigaste o outro.

EMÍLIA

Sim... mas não vale a pena.

MARGARIDA

Dissimulada!

EMÍLIA (*rindo*)

Por que dizes isso?

MARGARIDA

Porque já te vejo meio tentada a uma vingança nova...

EMÍLIA

Eu? Ora, qual!

MARGARIDA

Que tem? Não é crime...

EMÍLIA

Não é, decerto; mas... Veremos!

MARGARIDA

Ah! Serás capaz?

EMÍLIA (*com um olhar de orgulho*)

Capaz?

MARGARIDA

Beijar-te-á ele a ponta dos sapatos?

EMÍLIA (*apontando com o leque para o pé*)

E hão de ser estes...

MARGARIDA

Aí vem o homem! (*Tito aparece à porta da casa*)

CENA V

Tito, Emília, Margarida.

TITO (*parando à porta*)

Não é segredo?

EMÍLIA

Qual! Pode vir.

MARGARIDA

Descansou mais?

TITO

Pois não! Onde está o coronel?

EMÍLIA

Está lendo as folhas da corte.

TITO

Coitado do coronel!

EMÍLIA

Coitado por quê?

TITO

Talvez em breve tenha de voltar para o exército. É duro. Quando a gente se afaz a certos lugares e certos hábitos lá lhe custa a mudar... Mas a força maior... Não as incomoda o fumo?

EMÍLIA

Não, senhor!

TITO

Então posso continuar a fumar?

MARGARIDA

Pode.

TITO

É um mau vício, mas é o meu único vício. Quando fumo parece que aspiro a eternidade. Enlevo-me todo e mudo de ser. Divina invenção!

EMÍLIA

Dizem que é excelente para os desgostos amorosos.

TITO

Isso não sei. Mas não é só isto. Depois da invenção do fumo não há solidão possível. É a melhor companhia deste mundo. Demais, o charuto é um verdadeiro Memento homo: reduzindo-se pouco a pouco em cinzas, vai lembrando ao homem o fim real e infalível de todas as coisas: é o aviso filosófico, é a sentença fúnebre que nos acompanha em toda a parte. Já é um grande progresso... Mas aqui estou eu a aborrecê-las com uma dissertação aborrecida... Hão de

desculpar... que foi descuido. (*Fixando o olhar em Emília*) Ora, a falar a verdade, eu vou desconfiando; vossa excelência olha-me com uns olhos tão singulares.

EMÍLIA

Não sei se são singulares, mas são os meus.

TITO

Penso que não são os do costume. Está talvez vossa excelência a dizer consigo que eu sou um esquisito, um singular, um...

EMÍLIA

Um vaidoso, é verdade.

TITO

Sétimo mandamento: não levantarás falsos testemunhos.

EMÍLIA

Falsos, diz o mandamento.

TITO

Não me dirá em que sou eu vaidoso?

EMÍLIA

Ah! a isso não respondo eu.

TITO

Por que não quer?

EMÍLIA

Porque... não sei. É uma coisa que se sente, mas que se não pode descobrir. Respira-lhe a vaidade em tudo: no olhar, na palavra, no gesto... mas não se atina com a verdadeira origem de tal doença.

TITO

É pena. Eu tinha grande prazer em ouvir da sua boca o diagnóstico da minha doença. Em compensação pode ouvir da minha o diagnóstico da sua... A sua doença é... Digo?

EMÍLIA
Pode dizer.

TITO
É um despeitozinho.

EMÍLIA
Deveras?

TITO
Despeito pelo que eu disse há pouco.

EMÍLIA (*rindo*)
Puro engano!

TITO
É com certeza. Mas é tudo gratuito. Eu não tenho culpa de coisa alguma. A natureza é que me fez assim.

EMÍLIA
Só a natureza?

TITO
É um tanto de estudo. Ora, vou desfiar-lhe as minhas razões. Veja se posso amar ou pretender amar: 1º: não sou bonito...

EMÍLIA
Oh!...

TITO
Agradeço o protesto, mas continuo na mesma opinião: não sou bonito, não sou.

MARGARIDA

Oh!

TITO (*depois de inclinar-se*)

2º: não sou curioso, e o amor, se o reduzirmos às suas verdadeiras proporções, não passa de uma curiosidade; 3º: não sou paciente, e nas conquistas amorosas, a paciência é a principal virtude; 4º: finalmente, não sou idiota, porque, se com todos estes defeitos, pretendesse amar, caía na maior falta de razão. Aqui está o que eu sou por natural e por indústria; veja se se pode fazer de mim um Werther...

MARGARIDA

Emília, parece que é sincero.

EMÍLIA

Acreditas?

TITO

Sincero como a verdade.

EMÍLIA

Em último caso, seja ou não seja sincero, que tenho eu com isso?

TITO

Ah! Nada! Nada!

EMÍLIA

O que farei é lamentar aquela que cair na desgraça de pretender tão duro coração... se alguma houver.

TITO

Eu creio que não há. (*Entra um criado e vai falar a Margarida*)

EMÍLIA

Pois é o mais que posso fazer...

MARGARIDA

Dão-me licença por alguns minutos... Volto já.

EMÍLIA

Não te demores!

MARGARIDA

Ficas?

EMÍLIA

Fico. Creio que não há receio...

TITO

Ora, receio...

(Margarida entra em casa, o criado sai pelo fundo)

CENA VI

Tito, Emília.

EMÍLIA

Há muito tempo que se dá com o marido de Margarida?

TITO

Desde criança.

EMÍLIA

Ah! foi criança?...

TITO

Ainda hoje sou.

EMÍLIA *(voltando ao sério)*

É exatamente o tempo das minhas relações com ela. Nunca me arrependi.

TITO
Nem eu.

EMÍLIA
Houve um tempo em que estivemos separadas; mas isso não trouxe mudança alguma às nossas relações. Foi no tempo do meu primeiro casamento.

TITO
Ah! foi casada duas vezes?

EMÍLIA
Em dois anos.

TITO
E por que enviuvou da primeira?

EMÍLIA
Porque meu marido morreu.

TITO
Mas eu pergunto outra coisa. Por que se fez viúva, mesmo depois da morte de seu primeiro marido? Creio que poderia continuar casada.

EMÍLIA
De que modo?

TITO
Ficando mulher do finado. Se o amor acaba na sepultura acho que não vale a pena de procurá-lo neste mundo.

EMÍLIA
Realmente o Sr. Tito é um espírito fora do comum!

TITO
Um tanto.

EMÍLIA

É preciso que o seja para desconhecer que a nossa vida não comporta essas exigências de eterna fidelidade. E demais, pode-se conservar a lembrança dos que morreram sem renunciar às condições da nossa existência. Agora, é que eu lhe pergunto por que me olha com olhos tão singulares...

TITO

Não sei se são singulares, mas são os meus.

EMÍLIA

Então acha que eu cometi uma bigamia?

TITO

Eu não acho nada. Ora, deixe-me dizer-lhe a última razão da minha incapacidade para os amores.

EMÍLIA

Sou toda ouvidos.

TITO

Eu não creio na fidelidade.

EMÍLIA

Em absoluto?

TITO

Em absoluto.

EMÍLIA

Muito obrigada!

TITO

Ah! eu sei que isto não é delicado; mas, em primeiro lugar, eu tenho a coragem das minhas opiniões, e em segundo, foi vossa excelência quem me provocou. É infelizmente verdade, eu não creio nos amores leais e eternos. Quero fazê-la minha confidente. Houve um

dia em que tentei amar; concentrei todas as formas vivas do meu coração; dispus-me a reunir o meu orgulho e a minha ilusão na cabeça do objeto amado. Que lição mestra! O objeto amado, depois de me alimentar as esperanças, casou-se com outro que não era nem mais bonito, nem mais amante.

EMÍLIA

Que prova isso?

TITO

Prova que me aconteceu o que pode acontecer e acontece diariamente aos outros.

EMÍLIA

Ora...

TITO

Há de me perdoar, mas eu creio que é uma coisa já metida na massa do sangue.

EMÍLIA

Não diga isso. É certo que podem acontecer casos desses; mas serão todas assim? Não admite uma exceção que seja? Seja menos prevenido; aprofunde mais os corações alheios se quiser encontrar a verdade... e há de encontrá-la.

TITO (*abanando a cabeça*)

Qual...

EMÍLIA

Posso afirmá-lo.

TITO

Duvido.

EMÍLIA (*dando-lhe o braço*)

Tenho pena de uma criatura assim! Não conhecer o amor é não conhecer a felicidade, é não conhecer a vida! Há nada igual à união de duas almas que se adoram? Desde que o amor entra no coração, tudo se transforma, tudo muda, a noite parece dia, a dor assemelha-se ao prazer... Se não conhece nada disto, pode morrer, porque é o mais infeliz dos homens.

TITO

Tenho lido isso nos livros, mas ainda não me convenci...

EMÍLIA

Há de ir um dia à minha casa.

TITO

É dado saber por quê?

EMÍLIA

Para ver uma gravura que lá tenho na sala: representa o amor domando as feras. Quero convencê-lo.

TITO

Com a opinião do desenhista? Não é possível. Tenho visto gravuras vivas. Tenho servido de alvo a muitas setas; crivam-me todo, mas eu tenho a fortaleza de São Sebastião; afronto, não me curvo.

EMÍLIA (*tira-lhe o braço*)

Que orgulho!

TITO

O que pode fazer dobrar uma altivez destas? A beleza? Nem Cleópatra. A castidade? Nem Susana. Resuma, se quiser, todas as qualidades em uma só criatura e eu não mudarei... É isto e nada mais.

EMÍLIA (*à parte*)

Veremos. (*Vai sentar-se*)

TITO (*sentando-se*)

Mas, não me dirá; que interesse tem na minha conversão?

EMÍLIA

Eu? Não sei... nenhum.

TITO (*pega no livro*)

Ah!

EMÍLIA

Só se fosse o interesse de salvar-lhe a alma...

TITO (*folheando o livro*)

Oh! essa... está salva!

EMÍLIA (*depois de uma pausa*)

Está admirando a beleza dos versos?

TITO

Não senhora; estou admirando a beleza da impressão. Já se imprime bem no Rio de Janeiro. Aqui há anos era uma desgraça. Vossa excelência há de conservar ainda alguns livros da impressão antiga...

EMÍLIA

Não, senhor; eu nasci depois que se começou a imprimir bem.

TITO (*com a maior frieza*)

Ah! (*Deixa o livro*)

EMÍLIA (*à parte*)

É terrível! (*Alto, indo ao fundo*) Aquele coronel ainda não acabaria de ler as notícias?

TITO

O coronel?

EMÍLIA

Parece que se embebeu todo no jornal... Vou mandar chamá-lo... Não chegará alguém?

TITO (*com os olhos cerrados*)
Mande, mande...

EMÍLIA (*consigo*)
Não, tu é que hás de ir. (*Alto*) Quem me chamará o coronel? (*À parte*) Não se move!... (*Indo por trás da cadeira de Tito*) Em que medita? No amor? Sonha com os anjos? (*Ameigando a voz*) A vida do amor é a vida dos anjos... é a vida do céu... (*Vendo-o com os olhos, fechados*) Dorme!... Dorme!...

TITO (*despertando, com espanto*)
Dorme?... Quem? Eu?... Ah! o cansaço... (*Levanta-se*) Desculpe... é o cansaço... cochilei... também Homero cochilava... Que há?

EMÍLIA (*séria*)
Não há nada! (*Vai para o fundo*)

TITO (*à parte*)
Sim? (*Alto*) Mas não me dirá?... (*Dirige-se para o fundo. Entra o coronel*)

CENA VII

Os mesmos, Coronel.

CORONEL (*com a folha na mão*)
Estou acerbo!

EMÍLIA (*com muito agrado e solicitude*)
Que aconteceu?

CORONEL
Vou naturalmente para a Europa.

TITO

Morreu o urso no caminho?

CORONEL

Qual urso, nem meio urso! Rebentou uma revolução na Polônia!

EMÍLIA

Ah!...

TITO

Lá vai o coronel brilhar...

CORONEL

Qual brilhar!... (*Consigo*) Esta só pelo diabo...

CENA VIII

Os mesmos, Seabra, Margarida.

MARGARIDA (*a Emília*)

Que é isso? (*Vendo-a preparar-se*) Que é isso? Já te vais?

EMÍLIA

Já, mas volto amanhã.

MARGARIDA

É sério?

EMÍLIA

Muito sério.

TITO (*a Seabra*)

A tal viagem da serra pôs-me entrompado. Ando dormindo em pé.

CORONEL (*a Margarida*)

Até amanhã.

MARGARIDA

Que ar triste é esse?

CORONEL

Fortunas minhas!

EMÍLIA (*a Margarida*)

Temos muito que conversar. Até amanhã. (*Beijam-se. O coronel despede-se dos outros. Emília despede-se de Seabra e de Tito, mas com certa frieza*)

CENA IX

Margarida, Seabra, Tito.

MARGARIDA

Emília sai amuada. (*A Tito*) Que foi?

TITO

Não sei... ela é boa senhora; um pouco secantezinha... muito dada à poesia... ora eu sou todo da prosa... (*Batendo no estômago*) Há prosa?

SEABRA

Ainda não jantaste? Anda jantar...

TITO

Vamos à prosa, vamos à prosa!

ATO II

Sala em casa de Emília.

CENA I

Margarida, Coronel.

MARGARIDA

Ora viva!

CORONEL (*triste*)

Bom dia, minha senhora!

MARGARIDA

Que ar triste é esse?

CORONEL

Ah! minha senhora... sou o mais infeliz dos homens...

MARGARIDA

Por quê? Venha sentar-se... (*O coronel senta-se*) Então, conte-me...
Que há?

CORONEL

Duas desgraças. A primeira em forma de ofício da minha legação.

MARGARIDA

É chamado ao exército?

CORONEL

Exatamente. A segunda em forma de carta.

MARGARIDA

De carta?

CORONEL (*dando-lhe uma carta*)

Veja isto. (*Margarida lê e dá-lha de novo*) Que me diz a isto?

MARGARIDA

Não compreendo...

CORONEL

Esta carta é dela.

MARGARIDA

Sim, e depois?

CORONEL
É para ele.

MARGARIDA
Ele quem?

CORONEL
Ele! o diabo! o meu rival! o Tito!

MARGARIDA
Ah!

CORONEL
Dizer-lhe o que senti quando apanhei esta carta é impossível. Nunca tremi nem mesmo na Criméia, e olhe que estava feio! Mas quando li isto não sei que vertigem se apoderou de mim. Fez-me o efeito de um ucasse de desterro para a Sibéria. Ah! a Sibéria é um paraíso à vista de Petrópolis neste momento. Ando tonto! A cada passo como que desmaio... Ah!...

MARGARIDA
Ânimo!

CORONEL
É isto mesmo que eu vinha buscar... é uma consolação, uma animação. Soube que estava aqui e estimei achá-la só... Ah! quanto sinto que o estimável seu marido esteja vivo... porque a melhor consolação era aceitar vossa excelência um coração tão mal compreendido.

MARGARIDA
Felizmente ele está vivo.

CORONEL

Felizmente! (*Mudando o tom*) Tive duas ideias. Uma foi o desprezo; mas desprezá-los é pô-los em maior liberdade e ralar-me de dor e de vergonha; a segunda foi o duelo; é melhor... ou mato... ou...

MARGARIDA

Deixe-se isso.

CORONEL

É indispensável que um de nós seja riscado do número dos vivos...

MARGARIDA

Pode ser engano...

CORONEL

Mas não é engano, é certeza.

MARGARIDA

Certeza de quê?

CORONEL

Ora ouça: (*lê o bilhete*) "Se ainda não me compreendeu é bem curto de penetração. Tire a máscara e eu me explicarei. Esta noite tomo chá sozinha. O importuno coronel não me incomodará com as suas tolices. Dê-me a felicidade de vê-lo e admirá-lo. Emília."

MARGARIDA

Mas que é isto?

CORONEL

Que é isto? Ah! se fosse mais do que isto já eu estava morto! Pude pilhar a carta e a tal entrevista não se deu...

MARGARIDA

Quando foi escrita a carta?

CORONEL

Ontem.

MARGARIDA

Tranquelize-se: posso afirmar-lhe que essa carta é pura caçoadá. Trata-se de vingar o nosso sexo ultrajado; trata-se de fazer com que o Tito se apaixone... nada mais.

CORONEL

Sim?

MARGARIDA

É pura verdade. Mas veja lá. Isto é segredo. Se lho descobri foi por vê-lo tão aflito. Não nos comprometa.

CORONEL

Isso é sério?

MARGARIDA

Como quer que lho diga?

CORONEL

Ah! que peso me tirou! Pode estar certa de que o segredo caiu num poço. Oh! muito me hei de rir!... muito me hei de rir!... Que boa inspiração tive em vir falar-lhe! Diga-me: posso dizer à D. Emília que sei tudo?

MARGARIDA

Não!

CORONEL

É então melhor que não me dê por achado...

MARGARIDA

Sim.

CORONEL

Muito bem!

CENA II

Os mesmos, Tito.

TITO

Bom dia, D. Margarida... Sr. Coronel... (*A Margarida*) Sabe que acordei não há uma hora? Disseram-me que tinham saído a visitar D. Emília. Almocei e aqui estou.

MARGARIDA

Dormiu bem?

TITO

Como um justo. Tive sonhos cor-de-rosa: sonhei com o coronel...

CORONEL (*mofando*)

Ah! Sonhou comigo?... (*À parte*) Coitado! Tenho pena dele!

MARGARIDA

Sabe que o Sr. meu marido anda de passeio?

TITO

Sim? (*Vai à janela*) E a manhã está bonita! Manhã? Já não é muito cedo... Jantam cá?

MARGARIDA

Não sei. Tenho duas visitas para fazer: uma, com Emília, outra, com Ernesto.

CORONEL (*a Tito*)

Então vai engordando?

TITO

Acha?

CORONEL

Pois não! Eu creio que é do amor...

TITO

Do amor? Ó coronel, está sonhando?

CORONEL (*misterioso*)

Talvez... talvez... (*À parte*) Tu é que estás sonhando.

MARGARIDA

Eu vou ver se Emília está pronta.

TITO

Pois não... Ah! ela está boa?

MARGARIDA

Está. Até já. (*Baixo ao coronel*) Silêncio.

CENA III

Coronel, Tito.

TITO

Como vão os seus amores?

CORONEL

Que amores?

TITO

Os seus, a Emília... Já lhe fez compreender toda a imensidade da paixão que o devora?

CORONEL (*ar mofado*)

Qual... Preciso de algumas lições... Se mas quisesse dar?...

TITO

Eu? Está sonhando!

CORONEL

Ah! eu sei que o senhor é forte... É modesto, mas é forte... é até fortíssimo!... Ora, eu sou realmente um aprendiz... Tive há pouco a ideia de desafiá-lo.

TITO
A mim?

CORONEL
É verdade, mas foi uma loucura de que me arrependo.

TITO
Além de que, não é uso em nosso país...

CORONEL
Em toda a parte é uso vingar a honra.

TITO
Bravo, D. Quixote!

CORONEL
Ora, eu acreditava-me ofendido na honra.

TITO
Por mim?

CORONEL
Mas emendei a mão; reparei que era antes eu quem ofendia, pretendendo lutar com um mestre, eu, simples aprendiz...

TITO
Mestre de quê?

CORONEL
Dos amores. Oh! eu sei que é mestre...

TITO

Deixe-se disso... eu não sou nada... O coronel, sim; o coronel vale um urso, vale mesmo dois. Como havia de eu... Ora! Aposto que teve ciúmes?

CORONEL
Exatamente.

TITO
Mas era preciso não me conhecer, não saber das minhas ideias...

CORONEL
Homem, às vezes é pior.

TITO
Pior, como?

CORONEL
As mulheres não deixam uma afronta sem castigo... As suas ideias são afrontosas... Qual será o castigo?... *(Depois de uma pausa)* Paro aqui... paro aqui...

TITO
Onde vai?

CORONEL
Vou sair. Adeus. Não se lembre mais da minha desastrada ideia do duelo...

TITO
Isso está acabado... Ah! você escapou de boa!

CORONEL
De quê?

TITO

De morrer. Eu enfiava-lhe a espada por esse abdômen... com um gosto... com um gosto só comparável ao que tenho de abraçá-lo vivo e são!

CORONEL (*com um riso amarelo*)
Obrigado, obrigado. Até logo!

TITO
Não se despede dela?

CORONEL
Eu volto já...

CENA IV

TITO (*só*)
Este coronel não tem nada de original... Aquela opinião a respeito das mulheres não é dele... Melhor, vai-se confirmando... Nem me são precisas novas confirmações... Já sei tudo... Ah! minha conquistadora!... Aí vêm as duas...

CENA V

Tito, Margarida, Emília.

EMÍLIA
Bons olhos o vejam...

TITO
Bons e bonitos...

MARGARIDA
Vamos à nossa visita.

TITO
Ah!...

EMÍLIA

A demora é pouca... Pode esperar-nos...

TITO

Obrigado... Esperarei... Tenho a janela para olhá-las até perdê-las de vista... Depois tenho estes álbuns, estes livros...

EMÍLIA (*ao espelho*)

Tem o espelho para se mirar...

TITO

Oh! isso é completamente inútil para mim!

CENA VI

Os mesmos, Seabra.

SEABRA (*a Tito*)

Oh! Finalmente acordaste!

TITO

É verdade... Não me lembro de ter passado nunca tão belas noites como estas de Petrópolis. Já nem tenho pesadelos... Pois olha, eu era vítima... Agora não, durmo como um justo...

SEABRA (*às duas*)

Estão de volta?

MARGARIDA

Ainda agora vamos!

SEABRA

Então tenho ainda de esperar?...

EMÍLIA

Um simples quarto de hora...

SEABRA

Só?

TITO

Um quarto de hora feminino... meia eternidade...

EMÍLIA

Vamos desmenti-lo...

TITO

Ah! Tanto melhor...

MARGARIDA

Até já... (*Saem as duas*)

CENA VII

Tito, Seabra.

SEABRA

Ora, esperemos ainda...

TITO

Onde foste?

SEABRA

Fui passear... Compreendi que é preciso ver e admirar o que é indiferente, para apreciar e ver melhor aquilo que for a felicidade íntima do coração.

TITO

Ali! Sim? Bem vêes que até a felicidade por igual fatiga! Afinal sempre a razão está do meu lado...

SEABRA

Talvez... Apesar de tudo quer-me parecer que já intentas entrar na família dos casados.

TITO
Eu?

SEABRA
Tu, sim.

TITO
Por quê?

SEABRA
Mas, dize; é ou não verdade?

TITO
Qual, verdade!

SEABRA
O que sei é que uma destas tardes, em que adormeceste lendo, não sei que livro, ouvi-te pronunciar em sonhos, com a maior ternura, o nome de Emília.

TITO
Deveras?

SEABRA
É exato. Concluí que se sonhavas com ela é que a tinhas no pensamento, e se a tinhas no pensamento é que a amavas.

TITO
Concluístes mal.

SEABRA
Mal?

TITO

Concluíste como um marido de cinco meses. Que prova um sonho?

SEABRA

Prova muito!

TITO

Não prova nada! Pareces velha supersticiosa...

SEABRA

Mas enfim alguma coisa há, por força... Serás capaz de me dizeres o que é?

TITO

Homem, podia dizer-te alguma coisa se não fosses casado...

SEABRA

Que tem que eu seja casado?

TITO

Tem tudo. Serias indiscreto sem querer e até sem saber. À noite, entre um beijo e um bocejo, o marido e a mulher abrem, um para o outro, a bolsa das confidências. Sem pensares, deitavas tudo a perder.

SEABRA

Não digas isso. Vamos lá. Há novidade?

TITO

Não há nada.

SEABRA

Confirmas as minhas suspeitas. Gostas de Emília.

TITO

Ódio não lhe tenho, é verdade.

SEABRA

Gostas. E ela merece. É uma boa senhora, de não vulgar beleza, possuindo as melhores qualidades. Talvez preferisses que não fosse viúva?...

TITO

Sim; é natural que se embeveça dez vezes por dia na lembrança dos dois maridos que já exportou para o outro mundo... à espera de exportar o terceiro.

SEABRA

Não é dessas...

TITO

Afianças?

SEABRA

Quase que posso afiançar.

TITO

Ah! meu amigo, toma o conselho de um tolo: nunca afiances nada, principalmente em tais assuntos. Entre a prudência discreta e a cuja confiança não é lícito duvidar, a escolha está decidida nos próprios termos da primeira. O que podes tu afiançar a respeito da Emília? Não a conheces melhor do que eu. Há quinze dias que nos conhecemos e eu já lhe leio no interior; estou longe de atribuir-lhe maus sentimentos; mas, tenho a certeza de que não possui as raríssimas qualidades que são necessárias à exceção. Que sabes tu?

SEABRA

Realmente, eu não sei nada.

TITO (*à parte*)

Não sabe nada!

SEABRA

Falo pelas minhas impressões. Parecia-me que um casamento entre vocês ambos não vinha fora de propósito.

TITO (*pondo o chapéu*)

Se me falas outra vez em casamento, saio.

SEABRA

Pois só a palavra?...

TITO

A palavra, a ideia, tudo.

SEABRA

Entretanto admiras e aplaudes o meu casamento...

TITO

Ah! eu aplaudo nos outros muita coisa de que não sou capaz de usar... Depende da vocação...

CENA VIII

Os mesmos, Margarida, Emília.

EMÍLIA

O que é que depende de vocação?

TITO

Usar chapéu do Chile. Eu diria que este gênero de chapéus fica muito bem em Ernesto, mas que eu não sou capaz de usá-lo; porque... porque depende da vocação. Não pensa comigo que contra a vocação não há nada capaz?

EMÍLIA

Plenamente.

TITO (*a Seabra*)

Toma lá!...

SEABRA (*à parte a Tito*)

Velhaco!... (*Alto a Margarida*) Margarida, vamos embora?

MARGARIDA

Já para casa?

SEABRA

Vamos primeiro ao tio e depois para casa.

EMÍLIA

Sem passarem por aqui na volta?

MARGARIDA

Ele é quem manda.

SEABRA

Se não for muito o cansaço...

EMÍLIA

Ora, o dia está fresco e sombrio; é perto, e o caminho é excelente. Se não me baterem à porta ficamos mal para sempre.

SEABRA

Ah! isto não... (*A Tito*) Também vens?

TITO (*de chapéu na mão*)

Também.

EMÍLIA

E assim me deixa só?

TITO

Tem muito empenho em que eu fique?

EMÍLIA

Agrada-me a sua conversa.

TITO

Fico. Até logo.

CENA IX

Tito, Emília.

TITO

Vossa excelência disse agora uma falsidade.

EMÍLIA

Qual foi?

TITO

Disse que lhe era agradável a minha conversa. Ora, isso é falso como tudo quanto é falso...

EMÍLIA

Quer um elogio?

TITO

Não, falo franco. Eu nem sei como vossa excelência me atura: desabrido, maçante, às vezes chocarreiro, sem fé em coisa alguma, sou um conversador muito pouco digno de ser desejado. É preciso ter uma grande soma de bondade para ter expressões tão benévolas... tão amigas...

EMÍLIA

Deixe esse ar de mofa e...

TITO

Mofa, minha senhora?...

EMÍLIA

Ontem tomei chá sozinha!... sozinha!

TITO (*indiferente*)

Ah!

EMÍLIA

Contava que o senhor viesse aborrecer-se uma hora comigo...

TITO

Qual, aborrecer... Eu lhe digo: o culpado foi o Ernesto.

EMÍLIA

Ah! foi ele?...

TITO

É verdade; deu comigo aí em casa de uns amigos, éramos quatro ao todo, rolou a conversa sobre o voltarete e acabamos por formar mesa. Ah! mas foi uma noite completa! Aconteceu-me o que me acontece sempre: ganhei!

EMÍLIA (*triste*)

Está bom...

TITO

Pois olhe, ainda assim eu não jogava com pixotes; eram mestres de primeira força; um principiante; até às onze horas a fortuna pareceu desfavorecer-me, mas dessa hora em diante desandou a roda para eles e eu comecei a assombrar... pode ficar certa de que os assombrei. (*Emília leva o lenço aos olhos*) Ah! é que eu tenho diploma... mas que é isso? Está chorando?

EMÍLIA (*tirando o lenço e sorrindo*)

Qual; pode continuar.

TITO

Não há mais nada; foi só isto.

EMÍLIA

Estimo que a noite lhe corresse feliz...

TITO

Alguma coisa...

EMÍLIA

Mas, a uma carta responde-se; por que não respondeu à minha?

TITO

À sua qual?

EMÍLIA

À carta que lhe escrevi pedindo que viesse tomar chá comigo?

TITO

Não me lembro.

EMÍLIA

Não se lembra?

TITO

Ou, se recebi essa carta, foi em ocasião que a não pude ler, e então esqueci-a em algum lugar...

EMÍLIA

É possível; mas é a última vez...

TITO

Não me convida mais para tomar chá?

EMÍLIA

Não. Pode arriscar-se a perder distrações melhores.

TITO

Isso não digo; vossa excelência trata bem a gente e em sua casa passam-se bem as horas... Isto é com franqueza. Mas então tomou chá sozinha? E o coronel?

EMÍLIA

Descartei-me dele. Acha que ele seja divertido?

TITO

Parece que sim... É um homem delicado; um tanto dado às paixões, é verdade, mas sendo esse um defeito comum, acho que nele não é muito digno de censura.

EMÍLIA

O coronel está vingado.

TITO

De quê, minha senhora?

EMÍLIA (*depois de uma pausa*)

De nada! (*Levanta-se e dirige-se ao piano*)

TITO (*com ar indiferente*)

Ah!

EMÍLIA

Vou tocar; não aborrece?

TITO

Vossa excelência é senhora de sua casa...

EMÍLIA

Não é essa a resposta.

TITO

Não aborrece, não... pode tocar. (*Emília começa algum pedaço musical melancólico*) Vossa excelência não toca alguma coisa mais alegre?

EMÍLIA (*parando*)

Não... traduzo a minha alma. (*Levanta-se*)

TITO

Anda triste?

EMÍLIA

Que lhe importam as minhas tristezas?

TITO

Tem razão; não importam nada. Em todo o caso não é comigo?

EMÍLIA

Acha que lhe hei de perdoar a desfeita que me fez?

TITO

Qual desfeita, minha senhora?

EMÍLIA

A desfeita de me deixar tomar chá sozinha.

TITO

Mas eu já expliquei...

EMÍLIA

Paciência! O que sinto é que também nesse voltarete estivesse o marido de Margarida.

TITO

Ele retirou-se às dez horas; entrou um parceiro novo, que não era de todo mau...

EMÍLIA

Pobre Margarida!

TITO

Mas se eu lhe digo que ele se retirou às dez horas...

EMÍLIA

Não devia ter ido. Devia pertencer sempre a sua mulher. Sei que estou falando a um descrido; não pode calcular a felicidade e os deveres do lar doméstico. Viverem duas criaturas, uma para a outra, confundidas, unificadas; pensar, aspirar, sonhar a mesma coisa;

limitar o horizonte nos olhos de cada uma, sem outra ambição, sem inveja de mais nada. Sabe o que é isto?

TITO

Sei. É o casamento... por fora.

EMÍLIA

Conheço alguém que lhe provava aquilo tudo...

TITO

Deveras? Quem é essa fênix?

EMÍLIA

Se lho disser, há de mofar; não digo.

TITO

Qual mofar! Diga lá, eu sou curioso.

EMÍLIA (*séria*)

Não acredita que haja alguém que o ame?

TITO

Pode ser...

EMÍLIA

Não acredita que alguém, por curiosidade, por despeito, por outra coisa que seja, tire da originalidade do seu espírito os influxos de um amor verdadeiro, mui diverso do amor ordinário dos salões; um amor capaz de sacrifício, capaz de tudo? Não acredita?

TITO

Se me afirma, acredito; mas...

EMÍLIA

Existe a pessoa e o amor.

TITO

São então duas fênix.

EMÍLIA

Não zombe. Existem... Procure...

TITO

Ah! isso há de ser mais difícil: não tenho tempo. E supondo que achasse de que me valia? Para mim é perfeitamente inútil. Isso é bom para outros; para o coronel, por exemplo... Por que não diz isso ao coronel?

EMÍLIA

Ao coronel? (*Silêncio*) Adeus, Sr. Tito, desculpe, eu me retiro...

TITO

Adeus, minha senhora. (*Dirige-se para o fundo. Emília vai a sair pela direita alta, para*)

EMÍLIA

Não vá!

TITO

Que não vá?

EMÍLIA (*prorrogando*)

Não vê que o amo? Não vê que sou eu?...

TITO

Vossa excelência?

EMÍLIA

Eu, sim! Debalde procuraria ocultá-lo... fora impossível. Não cuidei nunca que viesse a amá-lo assim... E olhe, deve ser muito, para que uma mulher seja a primeira a revelar... Pode acaso calculá-lo?

TITO

Deve ser muito, deve... mas a minha situação é difícil: que lhe hei de responder?

EMÍLIA

O que quiser; não me responda nada, se lhe parece: mas não repila, lamente-me antes.

TITO

Nem lamento, nem repilo. Respondo... depois responderei. Entretanto, acalme os seus transportes e consinta que eu me retire...

EMÍLIA

Ah! vejo que não me ama.

TITO

Não é culpa minha... Mas que é isso, minha senhora? Acalme-se... eu vou sair... a prolongação desta cena seria sobremodo desagradável e inconveniente. Adeus!

CENA X

Emília (só). Depois Margarida.

EMÍLIA

Saiu! É verdade! Não me ama... não me pode amar... (*Silêncio*) Fui talvez imprudente! Mas o coração... oh! meu coração!

MARGARIDA (*entrando*)

Que tem o Tito que me tirou o Ernesto do braço e lá saiu com ele?

EMÍLIA

Saíram ambos?

MARGARIDA (*indo à janela*)

Olha, lá vão eles...

EMÍLIA (*idem*)

É verdade.

MARGARIDA

O Tito tira um papel do bolso e mostra a Ernesto.

EMÍLIA (*olhando*)

Que será?

MARGARIDA

Mas que aconteceu?

EMÍLIA

Aconteceu o que não prevíamos...

MARGARIDA

É invencível?

EMÍLIA

Por desgraça minha; mas há coisa pior...

MARGARIDA

Pior?...

EMÍLIA

Escuta; és quase minha irmã; não te posso ocultar nada.

MARGARIDA

Que ar agitado!

EMÍLIA

Margarida, eu o amo!

MARGARIDA

Que me dizes?

EMÍLIA

Isto mesmo. Amo-o doidamente, perdidamente, completamente. Procurei até agora vencer esta paixão, mas não pude; agora mesmo que, por vãos preconceitos, tratava de ocultar-lhe o estado do meu coração, não pude; as palavras saíram-me dos lábios insensivelmente... Declarei-lhe tudo...

MARGARIDA

Mas como se deu isto?

EMÍLIA

Eu sei! Parece que foi castigo. Quis fazer fogo e queimei-me nas mesmas chamas. Ah! não é de hoje que me sinto assim. Desde que os seus desdêns em nada cederam, comecei a sentir não sei o quê; ao princípio despeito, depois um desejo de triunfar, depois uma ambição de ceder tudo contanto que tudo ganhasse; afinal, nem fui senhora de mim. Era eu quem me sentia doidamente apaixonada e lho manifestava, por gestos, por palavras, por tudo; e mais crescia nele a indiferença, mais crescia o amor em mim. Hoje não pude, declarei-me.

MARGARIDA

Mas estás falando séria?

EMÍLIA

Olha antes para mim.

MARGARIDA

Pois será possível? Quem pensara?...

EMÍLIA

A mim própria parece impossível; mas é mais que verdade...

MARGARIDA

E ele?

EMÍLIA

Ele disse-me quatro palavras indiferentes, nem sei o que foi, e retirou-se...

MARGARIDA
Resistirá?

EMÍLIA
Não sei.

MARGARIDA
Se eu adivinhara isto não te animaria naquela malfadada ideia.

EMÍLIA
Não me compreendeste. Cuidas que eu deploro o que me acontece? Oh! não! Sinto-me feliz, sinto-me orgulhosa... É um destes amores que bastam por si para encher a alma de satisfação. Devo antes abençoar-te...

MARGARIDA
É uma verdadeira paixão... Mas acreditas impossível a conversão dele?

EMÍLIA
Não sei; mas seja ou não impossível, não é a conversão que eu peço; basta-me que seja menos indiferente e mais compassivo.

CENA XI

As mesmas, Tito.

TITO
Deixei o Ernesto lá fora para que não ouça o que se vai passar...

MARGARIDA
O que é que se vai passar?

TITO

Uma coisa simples.

MARGARIDA

Mas, antes de tudo, não sei se sabe que uma indiferença tão completa como a sua pode ser fatal a quem é por natureza menos indiferente?

TITO

Refere-se à sua amiga? Eu corto tudo com duas palavras. (*A Emília*)
Aceita a minha mão? (*Estende-lhe a mão*)

EMÍLIA (*alegremente*)

Oh! sim! (*Dá-lhe a mão*)

MARGARIDA

Bravo!

TITO

Mas é preciso medir toda a minha generosidade; eu devia dizer: aceito a sua mão. Devia ou não devia? Sou um tanto original e gosto de fazer inversão em tudo.

EMÍLIA

Pois sim; mas de um ou outro modo sou feliz. Contudo, um remorso me surge na consciência. Dou-lhe uma felicidade tão completa como a recebo?

TITO

Remorso, se é sujeita aos remorsos, deve ter um, mas por motivo diverso. Minha senhora, vossa excelência está passando neste momento pelas forcas caudinas. (*A Margarida*) Vou contar-lhe, minha senhora, uma curiosa história. (*A Emília*) Fi-la sofrer, não? Ouvindo o que vou dizer concordará que eu já antes sofria e muito mais.

MARGARIDA

Temos romance?

TITO

Realidade, minha senhora, e realidade em prosa. Um dia, há já alguns anos, tive eu a felicidade de ver uma senhora, e amei-a. O amor foi tanto mais indomável quanto que me nasceu de súbito. Era então mais ardente que hoje, não conhecia muito os usos do mundo. Resolvi declarar-lhe a minha paixão e pedi-la em casamento. Tive em resposta este bilhete...

EMÍLIA (*detendo-o*)

Percebo. Essa senhora fui eu. Estou humilhada; perdão!

TITO

Meu amor a perdoa; nunca deixei de amá-la. Eu estava certo de encontrá-la um dia, e procedi de modo a fazer-me o desejado. Sou mais generoso...

MARGARIDA

Escreva isto e dirão que é um romance.

TITO

A vida não é outra coisa...

MARGARIDA

Agora dê-me conta do meu marido.

TITO

Não pode tardar; dei-lhe um prazo para vir. Olhe, creio que é ele...

EMÍLIA

E o coronel também.

CENA XII

Os mesmos, Coronel e Seabra.

SEABRA (*da porta*)

É lícito o ingresso?

TITO

Entra, entra...

EMÍLIA

Vai saber de boas novidades...

SEABRA

Sim?

MARGARIDA (*baixo*)

Casam-se

SEABRA (*idem*)

Já sabia.

MARGARIDA (*baixo*)

Era um plano da parte dele.

SEABRA (*idem*)

Já sabia. Ele me disse tudo.

EMÍLIA

O que eu desejo é que jantem comigo.

SEABRA

Pois não.

CORONEL

Tenho estado à espera de dar uma boa notícia. Recebi uma carta que me dá parte de que o urso está na alfândega.

EMÍLIA

Pois vá fazer-lhe companhia.

CORONEL

O quê?

TITO

D. Emília só precisa agora de um urso: sou eu.

CORONEL

Não percebo...

EMÍLIA

Apresento-lhe o meu futuro marido.

CORONEL (*espantado*)

Ah!... (*Caindo em si*) Bom!... bom!... marido? Já sei... (*À parte*) Que pateta! Não compreende...

EMÍLIA

O que é?

MARGARIDA (*baixo*)

Cala-te; eu tinha-lhe contado o teu plano; o pobre homem acredita nele.

EMÍLIA

Ah!...

SEABRA

Afinal, sentas praça nas minhas fileiras.

TITO (*tomando a mão de Emília*)

Ah! mas no posto de coronel!



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com